

O Filho do Tempo

O Filho do Tempo

Evandro Pereira Tomazoni

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável: Mara Rejane Vicente Teixeira
CRB9 - 775

Tomazoni, Evandro Pereira, 1970-
O filho do tempo / Evandro Pereira Tomazoni. -
Curitiba, PR : Edição do autor, 2017.
175 p. ; 21 cm.

1. Contos brasileiros. 2. Crônicas brasileiras. I. Título.

CDD (22^a ed.)
B869.3

Design de Capa: Evandro Pereira Tomazoni

Tema da Capa: “O vinho celebra a vida, que vai sendo consumida pelo tempo”

[Imagens de apoio: www.pixabay.com (nile / MasterTux)]

Esta obra está registrada no Escritório de Direitos Autorais
(EDA) da Biblioteca Nacional, de acordo com a Lei nº 9.610 de
19/02/1998.

Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Quaisquer semelhanças com
nomes, pessoas ou acontecimentos terá sido mera coincidência.

SOBRE O AUTOR

Evandro Pereira Tomazoni é natural de Santo Antônio do Sudoeste, Paraná.

Reside em Curitiba desde 1985.

Empresário na área de tecnologia da informação (TI).

Bacharel em Informática (UFPR).

Especialista em Gerenciamento de Projetos de Tecnologia da Informação (TI).

Advogado.

Especialista em Direito Penal e Processual Penal.

Especialista em Direito Digital e *Compliance*.

“**O Filho do Tempo**”, um conto da era pós-moderna, é sua primeira obra publicada.

Aos meus filhos: Bruno e Amanda.
Aos meus pais: Iradi e Bernadete.
À memória de meus avós: Ercole e Maria,
Dalilo e Dalila.
A você, Camila, com amor.

Sumário

Poema	11
CAPÍTULO 1.....	13
CAPÍTULO 2	14
CAPÍTULO 3	16
CAPÍTULO 4	27
CAPÍTULO 5	34
CAPÍTULO 6	40
CAPÍTULO 7	42
CAPÍTULO 8	48
CAPÍTULO 9	58
CAPÍTULO 10.....	61
CAPÍTULO 11.....	67
CAPÍTULO 12.....	73
CAPÍTULO 13.....	82
CAPÍTULO 14.....	90
CAPÍTULO 15.....	95
CAPÍTULO 16.....	108
CAPÍTULO 17.....	112
CAPÍTULO 18.....	118
CAPÍTULO 19.....	127
CAPÍTULO 20.....	133
CAPÍTULO 21.....	143
CAPÍTULO 22.....	154
CAPÍTULO 23.....	158
CAPÍTULO 24.....	165
CAPÍTULO 25.....	170
CAPÍTULO 26.....	174

Acordada, deveras tomada de medo
Sem sentido, avessa ao estado normal
Mora inconsolável no tempo
Seu lamento implora perdão

Aos olhos, quimeras da paisagem
Aos ouvidos, sopros dos ventos que vão
Sem sentido, só chora o tempo perdido
Acordada, lamenta a vida sem chão

Dos sonhos, os melhores não lembra
Dos pesadelos, convive então
Só as lágrimas de um tempo inteiro
Inundam os sonhos em vão

Dissera, era um deus outrora
Por hora, solidão
Os ventos que trazem o frio
São os ventos que levam o chão

Ouve o silêncio na noite
Escura lhe toma a razão
O Tempo, imperdoável Senhor
Carrega a vida nas mãos.

O Filho do Tempo

CAPÍTULO 1

Havia um tempo em que o Tempo me era favorável. Não contava as horas, pois as tinha em abundância. Não havia limites entre minhas manhãs, minhas tardes e minhas noites. Os meus dias eram infinitos. Assim os via, assim os sentia.

Nada como acordar e se sentir em casa, confortável. Nada como ignorar as horas, sem contá-las perdidas, sem se preocupar em recuperá-las.

Assim vivi muitos anos, até que um dia, o vento soprou em meus ouvidos e me disse em palavras calmas que, daquele momento em diante, o Tempo não me seria mais gratuito e, a partir de então, deveria contá-lo em minha vida, na busca de minhas conquistas e ele, assim, me cobraria cada segundo. Era a realidade batendo a minha porta. Era o adeus à inocência.

Não haveria de ser fácil experimentar o preço do Tempo, pois o que antes me era dado, agora exigia de mim a retribuição. Sim, e ele me cobraria cada segundo em moedas de vida e assim as tomaria sem meu consentimento, julgando-as suas por direito e eu as entregaria, sem percebê-las perdidas.

Contudo, fui além. Fui além do que o próprio tempo me propusera. Fiz dele o meu companheiro inseparável e cúmplice do meu dia a dia, ele haveria de me cuidar e vigiar, como um pai para com o filho.

Busquei otimizar o tempo, aproveitando dele cada segundo, sem desperdiçá-lo. Entretanto, para tanto, o preço que eu haveria de pagar seria maior.

CAPÍTULO 2

Sentado à mesa, silêncio! Alguns goles de um uísque que eu havia comprado há alguns anos, em uma viagem de negócios, e o tinha guardado na estante, até então intacto, ignorado.

Pensei, então, em quantas vezes havia de ter passado por ele, sem sequer me perguntar o que ele fazia ali, parado, apenas ornamentando a prateleira. Nunca me perguntei qual seria seu gosto, nem qual sensação me causaria saboreá-lo. Poderia degustá-lo em goles curtos, sentindo-o ferir-me em calor a cada gota, ou talvez fazê-lo derramar de uma só vez em minha boca, sentindo o ardido nos lábios e estremecendo de uma brusca e rápida sensação de fogo, percorrendo-me as entranhas.

Enfim, todas as sensações me eram estranhas, pois não me lembro de tê-las sentido alguma vez por completo e, quando pensei que as havia sentido, percebi, depois, que estava enganado.

Certamente devo ter me deparado com as mais variadas sensações ao longo de minha vida, porém, certamente, ou as ignorei ou me enganei com elas. Sendo assim, acabei por deixar passar despercebidos momentos importantes da minha vida, simplesmente por não querer desperdiçar meu tempo entre uma coisa e outra, impedindo, assim, que essas coisas pudessem surtir o efeito que lhes era destinado.

Dei ao Tempo aquilo que eu achei que lhe cabia. Porém, nunca quis o ocupar com coisas que julgasse pequenas.

Pois sim, o Tempo me custou caro demais pelo fato de eu querer tê-lo e controlá-lo o tempo todo. Minha relação com o Tempo era algo maior, era a pura cumplicidade.

Mais um gole e lembrei-me de ontem, quando disse a mim mesmo que o tempo passara muito depressa.

O FILHO DO TEMPO

Ontem: ontem é passado. Lembrei-me, então, de tudo que, no meu tempo, havia passado.